

EVASÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU BRASILEIRA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Francisco Edmar Pereira Neto¹
José Airton de Freitas Pontes Junior²

RESUMO

Nosso objetivo é explorar a prevalência das taxas de evasão da pós-graduação brasileira. Os poucos estudos sobre a evasão na pós-graduação apontam para uma taxa relativamente baixa. A metodologia é um estudo exploratório com abordagem quantitativa. As taxas de evasão foram calculadas a partir da saída geral do sistema. Os achados apontam para uma estabilidade da taxa de evasão (3,3%) durante o período de 2004 a 2019. A taxa é maior em cursos de mestrado, especialmente, os mestrados profissionais. Além disso, identificou-se que a evasão por desligamento do programa representa cerca de 2/3 do total. As instituições privadas e as áreas de ciências exatas e da terra e engenharias apresentam taxas maiores. Os achados da pesquisa apontam para a necessidade de uma política de permanência que seja sensível as diferenças encontradas nas taxas, bem como, estejam voltadas mais para os programas em razão da maior prevalência de desligamentos.

Palavras-chave: Educação Superior; Política de Permanência; Instituições Superiores Privadas.

DROPOUT IN BRAZILIAN POSTGRADUATE: AN EXPLORATORY STUDY

ABSTRACT

Our goal is to explore the prevalence of Brazilian postgraduate dropout rates. The few studies on postgraduate dropout rates point to a relatively low rate. The methodology is an exploratory study with a quantitative approach. Dropout rates were calculated from the overall output of the system. The findings point to a stability in the dropout rate (3.3%) during the period from 2004 to 2019. The rate is higher for master's degrees, especially professional master's degrees. Furthermore, it was identified that evasion due to dismissal from the program represents around 2/3 of the total. Private institutions and the areas of exact and earth sciences and engineering have higher rates. The research findings point to the need for a continuity policy that is sensitive to the differences found in rates, as well as focused more on programs due to the higher prevalence of dismissals.

Keywords: Higher Education; Continuity Policy; Private Higher Institutions.

1 INTRODUÇÃO

Hoje se tornou quase um truísmo, propalado tanto por organismos internacionais, como o Banco Mundial, como por pesquisadores, de que o aumento dos níveis educacionais se relaciona positivamente com melhorias das condições socioeconômicas das pessoas, bem como, do crescimento econômico dos países (DARLING-HAMMOND, 2017; WORLD

¹ Doutor em Educação. Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: edmar.pereira@uece.br.

² Doutor em Educação. Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: jose.airton@uece.br

BANK, 2011). Isso levou, inicialmente nos países ocidentais e, posteriormente em outros lugares, a um processo de ampliação do ensino superior e da sua massificação, como estratégia da melhoria do nível educacional de suas populações. Em paralelo ao problema do aumento do acesso ao nível superior, temos uma preocupação, especialmente em razão da entrada de novos estratos sociais, de como garantir de que após a entrada no curso superior, os novos alunos não venham a desistir. A evasão se tornou então um problema a se devidamente equacionado para que os elevados investimentos no aumento da acessibilidade do ensino superior não resultassem pífios em razão do abandono do curso.

Enquanto elevada atenção foi dada ao fenômeno da evasão nos cursos de graduação, o fenômeno da evasão na pós-graduação continua sendo razoavelmente pouco estudado. No caso brasileiro, a relativa estabilidade do número de evadidos nos cursos de mestrado e doutorado, parece ter posto a evasão na condição de problema residual que não necessita de uma política pública para garantir melhores índices de permanência a despeito dos milhares de estudantes que evadem dos cursos de pós-graduação todos os anos, representando enormes prejuízos financeiros, visto que esse nível de formação é extremamente caro para a sua manutenção. Além disso, trata-se de milhares de pesquisas que não chegaram a seu termo, prejudicando o desenvolvimento da ciência brasileira que ainda tem muito que crescer em comparação aos demais países.

As poucas pesquisas realizadas sobre a evasão dos discentes dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, a parte aqueles que focavam em cursos ou áreas específicas, utilizaram, como base de dados, os dados do GEOCAPES. Felizmente, a política de dados aberto da capes nos últimos anos proporcionou a comunidade científica o acesso aos dados administrativos informados pelos programas de pós-graduação por meio da plataforma *sucupira*.

Nessas bases, é possível ter acesso a dados institucionais de cada um dos discentes dos programas de pós-graduação brasileiro a partir do ano de 2004. Diante da escassez de pesquisas sobre a evasão da pós-graduação, a ausência de análises por dependência administrativa e área de formação, bem como, das novas possibilidades de análises em razão da disponibilização de uma nova base de dados sobre a pós-graduação, a presente pesquisa pretende explorar as prevalências das taxas de evasão da pós-graduação brasileira nessas novas dimensões.

2 EVASÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* NO BRASIL

O problema da evasão nos cursos de pós-graduação *stricto-sensu* aparece, como algo que precisa ser devidamente equacionado, no I Plano Nacional de Pós-Graduação (1975-1979) (CAPES, 2010). Nesse documento, é colocado o alarmante dado de que apenas 15% dos alunos de mestrado conseguem se titular durante o período médio de dois anos e meio. No doutorado, a média extrapola a duração de quatro anos. Para explicar esses números, o documento sinalizava o baixo número de bolsas disponíveis e a grande pressão do mercado de trabalho, contribuindo para que os alunos desistissem ou atrasassem em demasia seus cursos resultando em graves prejuízos para o país.

No III Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) são disponibilizados dados mais claros em relação ao monitoramento da evasão (CAPES, 2010). Em 1985, apenas 15% dos alunos atingiram a titulação, com uma taxa de 45% de evasão em programas de mestrado com duração média de cinco anos. Como resultado, a duração do mestrado se tornou quase tão longa quanto um doutorado. Esses dados alertavam um cenário preocupante, dado que sinalizavam um baixo desempenho na formação do SNPG. Reitera-se que no III PNPG foi descrita a fórmula para o cálculo da taxa de evasão, em que o número de saídas de não-titulados era calculado sob o número total de alunos matriculados.

A resposta da CAPES, ao problema da evasão, veio na formas de bolsas de estudos, como uma política de permanência dos discentes nos cursos, mesmo que essas bolsas fossem distribuídas exclusivamente por motivos de mérito acadêmico. Além disso, as avaliações ficaram mais rígidas com relação ao tempo de formação, especialmente nos mestrados, que padronizaram seu tempo de duração para 24 meses.

A mensuração adequada da evasão sempre foi um problema para os interessados em estudar esse fenômeno. Em artigo de 2005, a prof. Léa Velho estima, adotando uma metodologia de fluxo, em 15% a evasão de cursos de doutorado no Brasil, comparáveis aos valores do Reino Unido e bem abaixo do cerca de 50% de evasão em programas estadunidenses (VELHO, 2005). A autora ainda fechava seu texto prevendo um crescimento das taxas de evasão na pós-graduação brasileira. Dessa forma, optou-se por delimitar evasão como a desistência ou abandono do curso, instituição ou sistema de ensino, seja por sua vontade ou da instituição.

Nos últimos Planos Nacionais de Pós-Graduação, a temática da evasão sumiu da lista de problemas a serem enfrentadas pelo SNPG. Utilizando-se de dados do GEOCAPES, Fernandes *et al.* (2021) estimaram a evasão na pós-graduação brasileira utilizando da seguinte estratégia: estimavam o número de matrículas potenciais de um ano e subtraíam do número de matrículas realmente efetuadas. A diferença entre esses dois valores representaria os alunos que podendo se matricular não o fizeram, ou seja, os evadidos. As matrículas potenciais eram estimadas a partir do número de ingressantes do ano de referência em que se desejava calcular a taxa de evasão e se somava ao número de alunos que estavam cursando pós-graduação do ano anterior. Com o resultado do cálculo, subtrai-se do número real de matrículas do ano de referência que se teria o número da evasão. Para aferir o número representativo da matrícula real, foi utilizado o conceito do Censo da Educação Superior, que define o termo como a soma do número de matriculados e de titulados no ano específico.

A partir desse procedimento, Fernandes *et al.* (2021) projetaram uma série histórica em que é possível visualizar um aumento da taxa de evasão de 25,94% em 2001 para 31,84% em 2003, chegando ao pico em 2005, com 31,94%. Nos anos seguintes, a taxa entrou em relativa estabilidade, chegando ao final da série com uma taxa superior ao seu início: 30,06%. Apesar da estabilidade, o índice ainda se encontra em um patamar extremamente elevado. Essa estimativa de evasão reforça a necessidade de se pensar minuciosamente na questão, especialmente em razão dos recursos econômicos investidos nesse nível de ensino.

Somente muito recentemente a CAPES liberou sua base de dados colhidos sobre a pós-graduação por meio da plataforma Sucupira. Essa base de dados trouxe dados sobre a situação da matrícula dos alunos em que é possível identificar de modo direto a quantidade de evadidos tanto por abandono (opção do aluno), como desligamento (ação da instituição ou curso). Estudos recentes se dedicaram a analisar esses novos dados e mensurar de uma melhor maneira, sem estimativas, o número real de evadidos (MAGALHÃES; REAL, 2020; SANTOS JUNIOR; MAGALHÃES; REAL, 2020). Em Magalhães e Real (2020), são apresentados os números absolutos da evasão da pós-graduação no Brasil por tipo de cursos. As taxas de crescimento bruto são elevadas, mas ocorrem também em uma situação de crescimento do sistema com um número crescente de novos alunos e titulados. Desse modo, é um problema que o estudo não tenha analisado as taxas relativas para que se pudesse inclusive fazer uma mais apropriada comparação com outros estudos na área. Pois se houve uma relativa estabilização de número de evadidos isso pode indicar uma queda na taxa de evasão.

Os estudos apontam, também, que no SNPG a ação de desligamento é, em termos absolutos, maior do que o abandono (MAGALHÃES; REAL, 2020). No entanto, os autores não se debruçaram na relação da evasão com outras variáveis que possam estar associadas, nem sobre quais as possíveis causas que levam os alunos de mestrado e doutorado se evadirem. A relativa estabilidade da evasão parece, segundo esses autores, basear a falta de política de permanência, para além dos programas de bolsas, que pudesse diminuir ainda mais esses números. O fato de que a maior parte da evasão é feita por desligamento do programa, parece ter agido como um beneplácito para o quase completo esquecimento desse problema. É como se tivesse ocorrido um tipo de naturalização, em que já se espera que um determinado número de alunos fracasse em seus cursos de pós-graduação, restando aos gestores e, em particular, os *policymakers* da CAPES pouco ou nada a fazer.

3 METODOLOGIA

Este é um estudo exploratório com abordagem quantitativa. A estratégia de coleta de dados adotada é a de dados secundários. Dados secundários são definidos quando se utiliza de dados coletados por diferentes razões, como no caso dos censos, para uma finalidade diferente daquela para os quais foram inicialmente coletados (COHEN; MANION; MORRISON, 2018). Os dados foram coletados do site de dados abertos da CAPES e tratado por meio do software Jasp (JASP TEAM, 2024). Como instrumento de análise, foram feitos gráficos a partir de tabelas de frequência das variáveis de interesse.

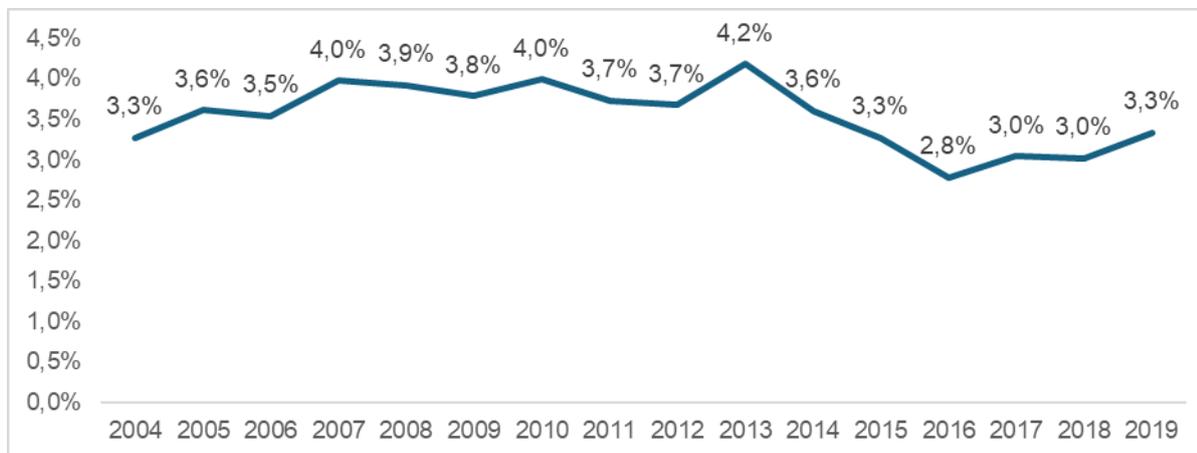
Para os cálculos das taxas de evasão, foram considerados os evadidos do sistema no ano de referência. Essa metodologia é diferente da análise do fluxo de coortes em que se analisa os ingressantes de um único ano e se acompanha a trajetória dos mesmos durante um período específico. Como desvantagem, a metodologia de mensuração adotada não permite identificar a evasão de coortes específicas. No entanto, tem a vantagem de comparar as taxas gerais de evasão do sistema por uma série histórica maior.

4 RESULTADOS

No período analisado o número de discentes na pós-graduação *stricto-sensu* no Brasil mais do que dobrou (158,3%). De 155.009 alunos em 2004, o sistema passou a contabilizar 400.426 em 2019. No entanto, as taxas de evasão no período ficariam relativamente estáveis. A sua máxima variação foi de 0,9% para maior, em 2013, e 0,5% para menos, em 2016, ano com

a menor taxa de evasão. A estabilidade da taxa de evasão é bem representada pela igualdade das taxas nos anos de 2004 e 2019 que ficou em 3,3%

Gráfico 1 – Evolução das taxas de evasão da pós-graduação brasileira (2004-2019)

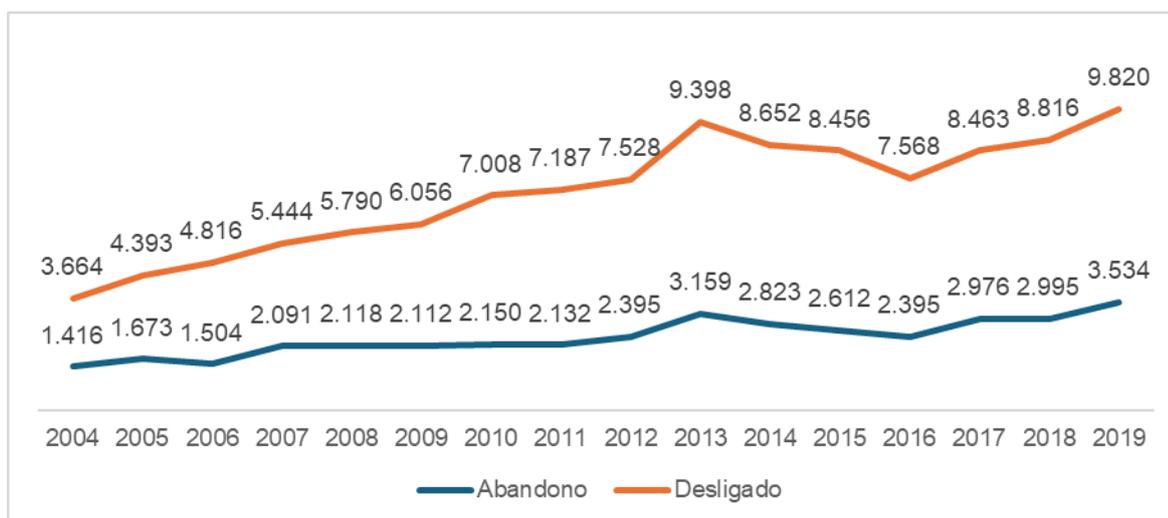


Fonte: elaboração própria a partir dos dados abertos CAPES

A estabilidade da taxa, no entanto, esconde o aumento expressivo no número bruto de alunos evadidos nos cursos de pós-graduação. De 5.080 evadidos em 2004, temos um aumento para 13.354 em 2019, uma variação positiva de 168,9%, representando 155.144 discentes que não terminaram o seu curso de pós-graduação. Quantitativo este que faz falta na missão da pós-graduação de aumentar o número de profissionais alto nível e professores universitários.

Contudo, as formas como essa evasão ocorre não são as mesmas. As bases de dados da CAPES, com dados fornecidos pelos programas de pós-graduação, apresentam duas formas distintas de evasão: o abandono e o desligamento. O abandono ocorre normalmente quando, por razões inerentes ao próprio aluno, esse não realiza a matrícula, deixando, desse modo, de fazer parte do programa. Já o desligamento é um procedimento administrativo do programa de pós-graduação que decide pelo cessão do vínculo entre o programa e o discente. Assim, temos, compondo o quadro da evasão dos programas de pós-graduação, dois modos de ação, sendo que no caso do desligamento é o próprio programa que decide pela saída do aluno. Vejamos então, como se comportam a evasão quando a decomposmos nesses dois modos.

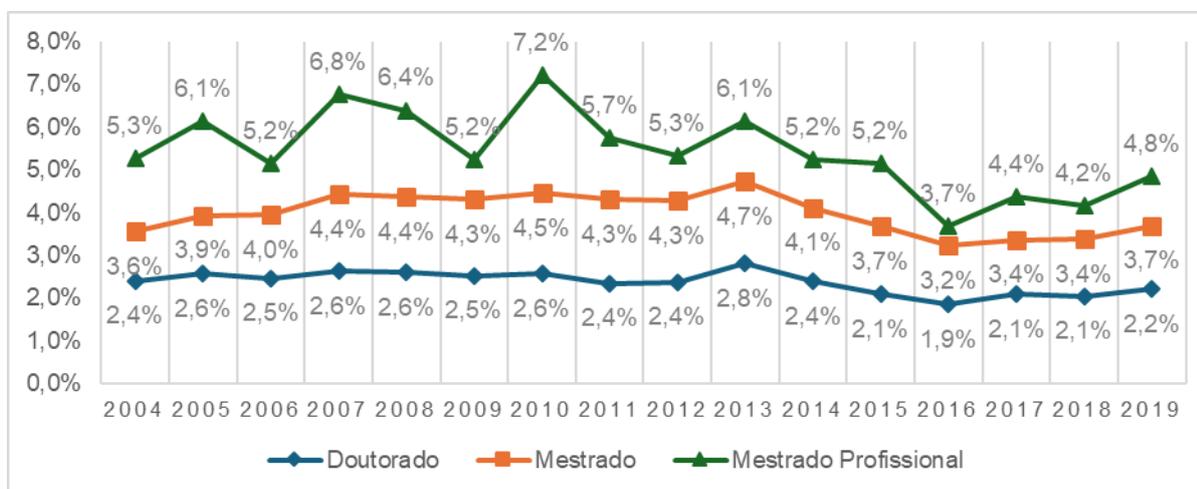
Gráfico 2 – Evolução do Número de Discentes Evadidos por Tipo (2004-2019)



Fonte: elaboração própria a partir dos dados abertos CAPES

A evasão por desligamento é majoritária durante toda a série analisada. No entanto, a proporção entre os dois tipos se mantém estável, sendo o desligamento responsável por cerca de 2/3 das evasões em cada ano estudado. Essa proporção, assim como a taxa de evasão, é bastante estável, sendo que, em 2004, 72,1% dos alunos evadidos foram desligados, e em 2019, essa proporção foi de 73,5%, um variação de apenas 1,4%. A estabilidade dessa proporção, contudo, não pode fechar nossos olhos para os aumentos dos números brutos. Os programas de pós-graduação no seu conjunto desligaram 9.820 alunos em 2019, uma variação positiva de 168,0%. Outra fonte importante de comparação é verificar as taxas de evasão por tipo de curso de pós-graduação. Vejamos o gráfico a seguir.

Gráfico 3 - Evolução das Taxa de Evasão por tipo de Curso (2004-2019)



Fonte: elaboração própria a partir dos dados abertos CAPES

O gráfico 3 mostra como as taxas de evasão variam entre os diferentes tipos de cursos³. Inicialmente, podemos ver como os cursos de mestrado, tanto acadêmico como profissional, apresentam taxas de evasão maiores do que o doutorado. Diga-se de passagem, que, as taxas do doutorado, são menores do que a taxa nacional em todos os anos em análise. Apresenta uma pequena variação negativa terminando o período com uma redução de 0,2%. Inversamente, os mestrados, em especial, os profissionais, apresentam taxas acima da nacional, Apesar de que os mestrados profissionais apresentaram uma queda de 0,5% na sua taxa de evasão, ela ainda continuava sendo a mais elevada entre os tipos de cursos *stricto-sensu*. O formato ainda novo dos mestrados profissionais, seu público diferenciado, e sua relativa falta de prestígio em comparação com o mestrado acadêmico, podem estar por trás dessa maior taxa (MAGALHÃES; REAL, 2020). Acrescentamos que o mestrado profissional, mesmo entre as instituições superiores públicas, é, geralmente, financiado pelas mensalidades dos alunos.

O aspecto do financiamento do curso com recursos pessoais do aluno, por meio de taxas de matrícula e mensalidades, pode ser um fato a maior de risco na decisão do abandono ou não do curso de pós-graduação. Nesse cenário esperaríamos um maior número de abandonos do que de desligamento.

Tabela 1 – Evasão segundo a dependência administrativa da instituição (2019)

| Situação | Público | % | Privada | % |
|---------------------|---------------|--------------|--------------|------------|
| Abandono | 2.752 | 24,6 | 782 | 36,3 |
| Desligamento | 8.446 | 75,4 | 1.374 | 63,7 |
| Evasão | 11.198 | 100,0 | 2.156 | 100 |

Fonte: elaboração própria a partir dos dados abertos CAPES

As taxas de evasão segundo a dependência administrativa praticamente são as mesmas, sendo 3,3% para as públicas e 3,4% para as privadas. No entanto, as proporções entre abandonos e desligamentos é diferente. Conforme pode ver visto na tabela 1, enquanto o abandono corresponde por 24,6% da evasão na esfera pública, essa porcentagem sobre para 36,3% entre as instituições privadas. Esse número parece sugerir que o aspecto financeiro parece exercer alguma pressão na decisão ou não de permanecer no curso. No entanto, o que realmente chama a atenção é que os programas privados, a despeito dos possíveis prejuízos financeiros, perdem a maior parte dos seus discentes também por meio do mecanismo do desligamento. Ao que parece, a rígida cobrança da CAPES, por meio de seu processo

³ Os Doutorados profissionais não foram inseridos na análise por terem iniciado em 2019, tornando-os pouco uteis para uma análise longitudinal.

avaliativo, de garantir que os discentes cumpram à risca os prazos máximo de duração dos cursos, tem um custo mais alto para os programas privados, caso sejam mal avaliados, do que uma eventual perda financeira das matrículas.

Outra fonte de possíveis diferenças nas taxas de evasão pode ser as áreas de conhecimento. De fato, o mesmo fenômeno é conhecido na graduação onde cursos das áreas de exatas são considerados mais difíceis e apresentam taxas de evasão maiores do que cursos da área de humanidades, por exemplo. O gráfico a seguir nos introduz na análise da evasão da pós dividida pelas grandes áreas do conhecimento.

Gráfico 4 – Taxas de evasão por grande área do conhecimento (2019)



Fonte: elaboração própria a partir dos dados abertos CAPES

Como é possível visualizar, as ciências exatas e da terra (7,3%) e engenharias (5,8%) se destacam por terem as taxas mais elevadas de evasão, sendo inclusive mais do que o dobro de áreas de baixa taxa de evasão como as ciências da saúde (2,1%) ou linguística (2,0%). Estudos anteriores já tinha identificado a maior prevalência de evasão nessas áreas (MAIOR, 2020) inclusive na graduação (GARCIA; GOMES, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das taxas globais de evasão de 2004 a 2019 mostra uma estabilidade da evasão da pós-graduação brasileira em taxas relativamente baixas (cerca de 3,3%) se comparados com outros países em que as taxas são relativamente mais elevadas. Identificou-se que o procedimento de desligamento, quando o discente perde o vínculo por iniciativa do

próprio programa, responde por cerca de 2/3 dessa evasão, alertando-nos de que a aparente falta de políticas de permanência por parte da CAPES pode ter relação com uma aceitação como natural dessas taxas de evasão do sistema. Ou seja, a perda desse contingente de novos mestres e doutores é algo aceitável para cumprir os prazos e exigências do programa.

A evasão não se expressa de modo homogênea pelos tipos de cursos, dependência administrativa e grandes áreas do conhecimento. No caso dos cursos, os mestrados profissionais apresentaram uma maior taxa de evasão, enquanto os doutorados apresentaram as menores taxas. A maior taxa dos mestrados profissionais parece estar relacionada a novidade desse tipo de cursos de pós-graduação e seu relativo pouco prestígio na sociedade. Ao mesmo tempo, parece que questões financeiras podem influenciar, visto que as taxas de evasão nas instituições privadas também são maiores quando se comparada as taxas das públicas. Contudo, apesar de que em patamares menores do que as públicas, as instituições privadas fazem uso do desligamento como o principal instrumento de cessão de vínculo entre o discente e o programa. Novamente, as pressões por uma boa avaliação do programa, que no extremo podem inclusive serem fechados em decorrência de uma má avaliação, parece exercer maior pressão do que as eventuais perdas financeiras envolvidas no desligamento de alunos pagantes. Se por um lado isso aumenta o número de evadidos, por outro lado, parece ajudar a manter o alto nível dos sistemas de pós-graduação brasileiro.

A evasão por área também precisa ser vista com o devido cuidado. As grandes áreas de ciências exatas e da terra e engenharia tem costumeiramente as maiores taxas de evasão, tendência que aparece na graduação e persiste na pós-graduação. Para se agir apropriadamente com a elaboração de políticas públicas adequadas ao problema é preciso também explorar as causas dessa evasão. Diversamente do que outros estudos sobre evasão em que se explora as causas pessoais das desistências do aluno, o caso brasileiro aponta para o estudo nos programas para se entender as causas administrativas do desligamento dos alunos e, desse modo, agir de modo mais efetivo na proposta de ações que visem a qualificar e ampliar a permanência dos alunos em seus respectivos cursos.

6 REFERÊNCIAS

CAPES. **Plano de Nacional de Pós-graduação - PNPG 2011-2020 vol. 1.** Brasília: MEC/CAPES, 2010.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. **Research Methods in Education.** 8th ed. London: Routledge, 2018.

DARLING-HAMMOND, L. Teacher education around the world: What can we learn from international practice? **European Journal of Teacher Education**, v. 40, n. 3, p. 291–309, 2017. DOI 10.1080/02619768.2017.1315399.

FERNANDES, E. F.; PACHECO, A. S. V.; DA SILVA, F. C.; CABRAL, T. L. de O. Evasão discente na pós-graduação: Uma análise a partir do Geocapes / Graduate student evasion: An analysis based on Geocapes. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 12, p. 112313–112332, 2021. DOI 10.34117/bjdv7n12-154.

GARCIA, L. L. da S. M.; GOMES, R. S. Causas da evasão em cursos de ciências exatas: uma revisão da produção acadêmica. **Revista Educar Mais**, v. 6, p. 937–957, 2022. DOI 10.15536/reducarmais.6.2022.2970.

MAGALHÃES, A. M. S.; REAL, G. C. M.. A evasão no contexto da expansão da pós-graduação stricto sensu: uma discussão necessária. **Perspectiva**, v. 38, n. 2, p. 1–18, 2020. DOI 10.5007/2175-795X.2020.e62019.

MAIOR, A. P. S. **Trajetórias de Mestrandos e Doutorandos: um estudo longitudinal dos fluxos de estudantes da pós-graduação stricto sensu brasileira**. 2020. Universidade de Brasília, 2020.

SANTOS JUNIOR, J. da S.; MAGALHÃES, A. M. da S.; REAL, G. C. M. A gestão da evasão nas políticas educacionais brasileiras. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 22, n. 2, p. 460–478, 2020. DOI 10.20396/etd.v22i2.8654823.

VELHO, Léa. Evasão na pós brasileira: uma crise em formação? **Jornal da UNiCAMP**, Campinas, p. 2, 27 Jun. 2005. .

WORLD BANK. **Learning for All: investing in people's knowledge and skills to promote development**. Washigton DC: World Bank, 2011.